

## O PROFESSOR IDEAL SEGUNDO AS PROPOSIÇÕES DE PAULO FREIRE

Tatiane R. Santos<sup>1</sup>  
Co- autoria: Janine Gros<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem em vista responder à seguinte questão: qual seria o perfil do educador ideal para atuar em nossas escolas, proporcionando conhecimentos cognitivos, sociais e afetivos às crianças, jovens e adultos, segundo Paulo Freire? Visa esclarecer educadores e professores a respeito das proposições do autor no que diz respeito às qualidades necessárias a um “bom” e até mesmo o educador “ideal” para as escolas. Objetiva-se também distinguir os tipos de educador presentes/relatados /apresentados nas obras de Paulo Freire. Devido ao fato de a pesquisadora, em sua vivência escolar, ter encontrado professores que se dizem freirianos, mas que na sua prática diária não o são e agem de forma totalmente contrária as defendidas por Freire, o texto apresenta as características que segundo ele são as ideais.

**Palavras-chave** : Professor. Educador. Paulo Freire.

### ABSTRACT

This article aims to answer the following question: **which educator profile** would be the ideal to work in our schools, providing cognitive, social and emotional knowledge for our children, youth and adult, based on Paulo Freire’s knowledge? This research aims to clarify Educators and teachers about Freires’s methods, regarding to the qualities necessary for a "good" and even the "ideal" teacher for our schools. Looking for differentiate among the types of educator, reported in the Freire’s works. Because the researcher in their school experience have encountered teachers who says that they follow Freire’s methods, but in daily practice, this is not entirely true. Sometimes they act contrary to what Freire, the text presents the characteristics that he says are ideal.

**Key-words**: Teacher. Educator. Paulo Freire.

<sup>1</sup> [tathy.1001@gmail.com](mailto:tathy.1001@gmail.com). Acadêmica do curso de Pedagogia.

<sup>2</sup> [professorajanine@yahoo.com.br](mailto:professorajanine@yahoo.com.br) Mestre em Educação pela PUC-PR. Professora das Faculdades do Brasil-UNIBRASIL.

## INTRODUÇÃO

Em várias de suas obras, Paulo Freire escreve sobre tipos de educadores que existem em várias escolas, alguns desses educadores/professores são considerados por ele como sendo militantes, dialógicos, progressistas, críticos, radicais, reacionários, populares e os agrônomos.

Após a leitura da maioria das obras de Paulo Freire, a pesquisadora constatou que ele idealiza um perfil de educador, descreve características que são necessárias à prática educativa dos docentes. Qual seria o perfil do educador ideal para atuar em nossas escolas, proporcionando conhecimentos cognitivos, sociais e afetivos as crianças, jovens e adultos segundo Paulo Freire? A resposta para essa pergunta é o que se busca explicitar no decorrer deste artigo.

Paulo Freire descreve um educador “ideal”, ou o “bom”, que segundo ele é o que devemos ser em nossa prática educativa. Uma vez que a prática educativa é “afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente da permanência do hoje” (FREIRE, 1996, p.143).

### 1. AS CARACTERÍSTICAS DO PROFESSOR IDEAL

Em “*Pedagogia da Autonomia*” (1996) Freire distingue os saberes necessários à docência, que são eles: não há docência sem discência; ensinar exige rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; o reconhecimento e a assunção da identidade cultural; ensinar não é transferir conhecimento; ensinar exige consciência do inacabamento; o reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia do educado; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; a convicção de que a mudança é possível; curiosidade; ensinar é uma especificidade humana; ensinar exige segurança,

competência profissional e generosidade; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; querer bem aos educandos.

Por meio desta fala o autor deixa claro qual é o perfil de um verdadeiro educador, e que *ensinar* não pode ser um puro processo, de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal, a qual critica. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do texto e leitura do contexto (1996, p.23). De acordo com o pedagogo, para se ensinar criticamente, o professor deve ser um pesquisador, pois não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Dessa forma, Freire afirma que enquanto se ensina, continua-se a buscar, a indagar. E ao pesquisar se constata, intervém e se educa. “Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (*Ibidem*, p.29).

Paulo Freire reconhece que em seu entendimento o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. A prática da pesquisa deve fazer parte da natureza docente da indagação, da busca.

Ainda expondo as características que o ensinar exige dos educadores, o autor ressalta a importância de se respeitar os saberes dos educandos. As experiências vividas por eles devem ser aproveitadas pelo educador, para que haja uma discussão da realidade concreta em que atuam.

Na já mencionada “*Pedagogia da Autonomia*” (1996), Freire prossegue relatando as qualidades necessárias a um educador, expondo que um professor tem que ser curioso, deve buscar. Para o pedagogo, o exercício da curiosidade o faz mais criticamente curioso e mais metodicamente “perseguidor” do seu objeto, e também convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Freire destaca ainda que a promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica é um dos saberes fundamentais a sua prática educativa. O professor deve instigar

nos educandos a sua própria curiosidade e o processo investigativo, rompendo com sua consciência ingênua. O professor democrático deve, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do aluno, sua curiosidade, sua insubmissão. O educador que possibilita ao educando ser cada vez mais crítico em seu aprendizado poderá desenvolver nele a sua “curiosidade epistemológica”.

Paulo Freire descreve, nessa mesma obra, que um educador tem que ter consciência de que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Uma vez que para ele sua prática não pode ser neutra, pois ela exige uma definição, uma tomada de posição, de decisão, de ruptura, de se escolher entre isto ou aquilo. Para ele, um educador não pode ser a favor de quem quer que seja ou contra quem quer que seja. “Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa” (*Ibidem*, p.102.).

Dessa citação, infere-se que um professor deve ter uma definição de seu papel na sociedade, tomar posição e decisões, no que diz respeito à sua prática educativa. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto (*Ibidem*, p.41). Freire destaca que um professor/educador deve ser a favor da decência, da luta contra as discriminações, da liberdade; da esperança, da boniteza de sua prática, e deve ser contra o autoritarismo, a ordem capitalista vigente e a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais.

Um professor tem que ser a favor de tudo aquilo que vai fazer dele um educador consciente do seu papel social no mundo. E ser contra a ordem capitalista que rege as sociedades. Porque um professor tem que ser ético ao ensinar os conteúdos para seus alunos, e ter decência no que faz. Agir sempre com respeito ao educando. Ser coerente no que diz, no que escreve e no que faz.

Ainda em “*Pedagogia da Autonomia*” (1996) é estabelecida uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e à esperança. O professor deve ter um envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, sem deixar de fazê-la e criá-la nos educandos. O professor e aluno podem aprender e ensinar juntos.

Para ele, a esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, já a desesperança é o aborto desse ímpeto. É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas uma distorção da esperança.

Ao discorrer sobre que ensinar exige estética e ética, o autor articula que a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza, porque o ensino dos conteúdos não pode-se dar alheio à formação moral do educando (*Ibidem*, p.33). Educar é substantivamente formar.

Para Freire, um educador não pode ter ações discriminatórias, mas, sim, estar preparado para a aceitação do novo. Dessa maneira, afirma que “faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (*Ibidem*, p.36). Isso evidencia que a discriminação não deve fazer parte da vida dos educadores, pois isso é uma exigência para se ser democrático e para se pensar certo. Freire ainda expõe a tarefa do educador que pensa certo:

... é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não é inteligibilidade que não seja comunicação e que não se funde na dialogicidade (*Ibidem*, p.38).

Por esse motivo, afirma que o pensar certo é dialógico e não polêmico.

Também é necessário que o educador deixe com que o educando se assuma em sala de aula. “O educador deve propiciar as condições para que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiem a experiência profunda de assumir-se” (*Ibidem*, p.41). O educando deve assumir-se como ser social, histórico e pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito, porque capaz de reconhecer-se como

objeto. Freire afirma ainda que não é a assunção de nós mesmos que fará a exclusão dos outros.

Também em “*Pedagogia da Autonomia*” (1996), em seu segundo capítulo, intitulado “Ensinar não é transferir conhecimento”, Paulo Freire discorre a respeito de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Dessa maneira, Freire assegura que, quando se entra em sala de aula, o educador/professor deve estar “aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho-a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (*Ibidem*, p.47 - *itálico no original*).

O professor deve saber qual é o seu real papel em sala de aula e em todos os aspectos de sua vida, saber este que deve ser testemunhado e vivido pelo educador constantemente. “É uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos” (*Ibidem*, p.49). Segundo Freire, os educadores devem exercer uma vigilância constante sobre suas atitudes, pois não podem cair nos simplismo, nas facilidades e nem nas incoerências grosserias.

Duas outras características são apontadas por Paulo Freire nessa mesma obra, com relação ao ensinar dos educadores, são elas a consciência do inacabamento e o reconhecimento de ser condicionado.

Segundo o autor, ensinar exige consciência do inacabamento, uma vez que “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (*Ibidem*, p.50). Para Freire, somos todos seres inconclusos, inacabados e condicionados, e só os seres conscientes de seu condicionamento e inacabamento podem ir mais além deles. Apoiado nesses pensamentos, o autor conclui que:

Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da inconclusão assumida. O ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos, “convivam” de tal, maneira com este como os outros saberes de que falei que

eles vão virando *sabedoria*. Algo que não nos é estranho a educadoras e educadores. (*Ibidem*, p.58 - *italico no original*).

Quanto mais o ser humano for consciente de seu inacabamento, mais ele pode exercitar sua capacidade de aprender e de ensinar.

Paulo Freire também articula a respeito de que o ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. Para ele, os educadores devem estar constantemente advertidos a esse respeito, o qual implica o mesmo que o educador deve ter por si mesmo. Pois “o respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (*Ibidem*, p.59). Respeito à visão de mundo do educando é uma das principais características de um bom educador.

Assim,

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites á liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente á experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (*Ibidem*, p.59-60).

Tais características Freire confere ao professor/educador autoritário e ao licenciado, que afogam a liberdade do educando com suas práticas, e que transgridem a eticidade. Ainda discorrendo a respeito do perfil do educador/professor ideal o autor argumenta que ensinar exige “bom senso” e respeito à dignidade, à autonomia e à identidade do educando. Todo educador deve ser dirigido pelo bom senso em suas práticas educativas diárias.

Assim como o “bom senso”, ensinar também exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. A luta dos educadores/professores precisa ser conhecida por todos, luta esta que se dá em favor do respeito aos educadores e à educação, briga por melhores salários, em defesa de seus direitos e de sua dignidade. Essas lutas devem ser entendidas como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética, segundo Paulo Freire. E não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que faz parte dela. O poder público, com todo o seu descaso para com a educação, não pode fazer com que se caia no fatalismo

cínico que se leva ao cruzamento dos braços.

De acordo com o autor, tal discurso acomodado não pode ser aceito pelos educadores/professores, e a recusa em transformar a atividade docente em puro “bico”, e a rejeição de entendê-la e de exercê-la como prática efetiva de “tias e de tios” é uma das formas de se lutar contra o desrespeito dos poderes públicos pela educação.

Na já tão mencionada obra “*Pedagogia da Autonomia*”, Paulo Freire também discorre a respeito de que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. A partir desse pensamento o autor afirma que “meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente” (*Ibidem*, p.77).

Ele ressalta para que os educadores/professores não aceitem passivamente a política assistencialista, que anestesia a consciência oprimida e prorroga a mudança da sociedade. Afirma que é preciso que o educador faça uma leitura de mundo cada vez mais crítica, para que não venha desconsiderar o saber dos grupos populares. O educador deve compreender sua própria presença no mundo, fazendo o que o pedagogo chama de “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

Outro saber considerado indispensável pelo autor à prática educativo-democrática é o de saber lidar com a relação autoridade–liberdade, a qual sempre é tensa e gera disciplina e indisciplina. Dessa forma, “o autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre a autoridade e liberdade” (*Ibidem*, p.88).

Freire ressalta que é nas práticas educativas que a autoridade e a liberdade se afirmam, o respeito deve ser mútuo, para o pedagogo ambas devem ser convertidas ao ideal do respeito comum, é somente dessa forma que se podem autenticar.

## 2. SABER ENSINAR É UMA ESPECIFICIDADE HUMANA

Paulo Freire também diz que ensinar é uma especificidade humana, e, sendo assim, ela exige segurança, competência profissional e generosidade.

Para ele, “o professor que não leva a sério sua formação, que não estuda que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (*Ibidem*, p.92). A opção e a prática democrática do professor ou da professora não são determinadas por sua competência científica, e a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.

Outra qualidade indispensável ao educador é a generosidade, pensando dessa forma, ele afirma que:

A arrogância farisaica, malvada, com que julga os outros e a indulgência macia com que se julga ou com que julga os seus. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade, que não é virtude dos que dos que ofendem nem tampouco dos que se regozijam com sua humilhação. (*Ibidem*, p.92).

O caráter formador do espaço pedagógico autentica-se a partir do clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente.

Mais um saber que o educador deve trazer consigo, segundo Freire, é o de que ensinar exige comprometimento. E se um “educador fez uma opção democrática, progressista, não pode ter uma prática reacionária, autoritária e elitista”. (*Ibidem*, p.97). Todo professor deve estar atento a respeito da leitura que os educandos fazem de sua atividade com eles. “Quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola”. (*Ibidem*, p.98). Outro fato destacado pelo autor é o de que o professor não pode passar despercebido na escola e na classe, por sua presença ser em si mesma política.

Para Paulo Freire, ensinar também exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, intervenção esta que vai além do conhecimento dos conteúdos aprendidos e do esforço de produção da ideologia dominante ou de seu desmascaramento.

Dessa forma, para Freire, quanto mais criticamente à liberdade assumir o limite necessário, tanto mais autoridade a terá, para lutar em seu nome, e fará com que o educador tenha consciência de suas decisões, uma vez que a educação é uma especificidade humana e uma forma de intervenção no mundo.

Ao articular que ensinar exige tomada consciente de decisões, ele ressalta que é impossível que a educação seja neutra, ela é política. E ela não é política por causa de educadores mais ativistas, mas, sim porque “na medida em que a educação é deturpada e diminuída pela ação de “baderneiros” que ela, deixando de ser verdadeira educação, passa a ser política, algo sem valor” (*Ibidem*, p.110). E acrescenta:

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consciente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido. (*Ibidem*, p. 112-113).

A afirmação acima esclarece que o educador consciente de seu papel no mundo sabe que deve lutar para transformar as realidades em que atua, e que sua participação no ambiente escolar deve ser bem vivido.

Outro aspecto relacionado ao “bom” educador, citado por Paulo Freire, é o de que ensinar exige saber escutar. Para Freire, “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele” (*Ibidem*, p.113). E o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

O pedagogo também elenca os sinais dos sujeitos que sabem escutar: “O primeiro sinal de que o sujeito sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la” (*Ibidem*, 116).

Mantendo esse pensamento, Freire profere que quem tem o que dizer, tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo, e também deve ter a consciência

de que não é o único que tem algo a dizer.

Acrescenta ainda que "quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda" (*Ibidem*, p.117). Para o autor, é intolerável "o direito que o educador autoritário dá a si mesmo de comportar-se como proprietário da verdade, da qual se apossa e do tempo para discorrer sobre ela". Ações estas totalmente contrárias às do educador democrático, "que aprende a falar escutando, e falando, cala-se para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala" (*Ibidem*, p.117).

Para o pedagogo escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar é definido por ele como sendo a dispossibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Mas não significando a redução de escuta ao que fala dessa forma não seria escuta, mas sim autoanulação.

Para Freire, o educador deve saber fundamentalmente que a prática educativa é ideológica por natureza. E deve estar advertido sobre o poder do discurso ideológico, a partir do que proclama a morte das ideologias, uma vez que para ele "o discurso ideológico nos ameaça de anestesiar a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos" (*Ibidem*, p.132).

A educação é ideológica, mas dialogante e atenta, para que se possa estabelecer a autêntica comunicação da aprendizagem, entre gente, com alma, sentimentos e emoções, desejos e sonhos. Uma vez que educar é construir, é libertar o ser humano. É um "ensinar a pensar certo" como quem "fala com a força do testemunho".

Segundo o autor, todo educador deve ter uma reação crítica diante das ideologias e dos discursos, para que não seja ludibriado por eles. E dessa forma adquirir qualidades que vão virando sabedorias indispensáveis à sua prática docente, tais como: a necessidade dessa resistência crítica; resguardar-se das artimanhas da ideologia; ter a atitude correta de quem não se sente dono da verdade, nem tampouco objeto acomodado do discurso alheio que lhe é autoritariamente feito; disponibilidade à vida e a seus contratempos, e de se dar a experiência de lidar sem medo, sem preconceitos, com as diferenças.

### 3. ENSINAR EXIGE FAZER USO DO DIÁLOGO

Na última parte da obra “*Pedagogia da Autonomia*” (1996), Freire descreve que ensinar exige disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos. O educador deve estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa da qual participa. Mas essa prática de querer bem não significa que o professor é obrigado a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, porém, selar seu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. A seriedade docente e a afetividade precisam ser separadas.

“Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar” (*Ibidem*, p.141).

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. A afetividade do educador não pode interferir no cumprimento ético de seu dever de professor no exercício de sua autoridade. Onde a prática educativa é afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

### 4. “PROFESSORA SIM, TIA NÃO”.

Outra obra de Paulo Freire, intitulada “*Professora Sim, Tia Não*” (1997), também traz as definições do autor a respeito das necessidades e exigências que a prática docente requer. Nela, ele continua a descrever as aptidões de um bom educador.

...o processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da *ousadia* de quem se quer fazer *professora*, educadora, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos como no sentido da criação das conceições para a alegria na escola. (1997, p.9). (*italico no original*)

A tarefa do ensinante é descrita por Freire como sendo prazerosa e exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional e afetivo.

Freire vai mais longe ainda quando fala do amor, amor do educador progressista para com a educação: “É preciso, contudo, que esse amor seja, na verdade, um “amor armado”, um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar” (*Ibidem*, p38).

É impossível ensinar sem a coragem de querer bem. Querer bem não somente aos outros, mas ao próprio processo que a tarefa implica. E também é impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar.

Freire diz que é preciso ser ousado para poder ensinar. Ou seja,

É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. E preciso ousar, aprender a ousar, para dizer *não* à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais. (*Ibidem*, p.10). (*italico no original*).

A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional, que exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas que recusa a estreiteza científicista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece, de acordo com o autor.

Ainda discorrendo a respeito das exigências da tarefa do educador, na já mencionada obra, Paulo Freire faz uma distinção entre ser professora e ser “tia”, porque para ele a profissão de ensinar exige certa militância e especificidade no seu cumprimento, enquanto ser “tia” é viver uma relação de parentesco.

Dessa maneira, Freire afirma que ser professora e professor é uma profissão, enquanto ser tia é ter um grau de parentesco. Um educador não pode ser autenticamente um educador longe dos alunos, já a tia pode ser tia longe dos sobrinhos.

O autor lembra que o processo de ensinar, que implica o de educar, envolve a “paixão de conhecer”. E por essa razão necessita da ousadia de quem quer se fazer educador ou educadora, em defesa de seus direitos.

## 5. AS QUALIDADES DOS PROFESSORES E PROFESSORAS PROGRESSISTAS

Ainda nesta mesma obra, a qual ele escreveu na forma de cartas, Paulo Freire, em sua Quarta Carta escreveu “Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas”.

Tais qualidades destacadas na obra não são inatas aos educadores, mas são geradas na prática em coerência com a opção política, de natureza crítica de cada educador. E todas são necessárias à prática educativa progressista, segundo Freire.

Dessa maneira, o autor discorre a respeito da humildade que deve ter o educador:

A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo. Sem humildade dificilmente ouviremos com respeito a quem consideramos demasiadamente longe de nosso nível de competência. Mas a humildade que nos faz ouvir o considerado menos competente do que nós não é um ato de condescendência de nossa parte ou um comportamento de quem paga uma promessa feita com fervor (*Ibidem*, p.55).

Não se pode conciliar a adesão ao sonho democrático e a superação dos preconceitos quando não se é humilde, uma vez que a humildade não floresce na insegurança das pessoas.

Além da humildade com que deve atuar os educadores em sala de aula, Freire também ressalta a importância da amorosidade, que deve estar presente nessa relação. Tais características devem desenvolver no educador, de acordo com o autor, a coragem. Coragem de lutar ao lado da coragem de amar.

Outra virtude atrelada ao bom desempenho do educador, destacada por Freire, é a tolerância. “Sem ela é impossível um trabalho pedagógico sério, em ela é inevitável uma experiência democrática autêntica, sem ela a prática educativa progressista se desdiz. A tolerância não é, porém, posição irresponsável de quem faz o jogo do faz-de-conta” (*Ibidem*, p.59).

Para ele, “ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a

virtude que nos ensina a conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente” (*Ibidem*, p.59).

Freire também discorre a respeito do ato de tolerar argumentando que:

Ninguém aprende tolerância num clima de irresponsabilidade, no qual não se faz democracia. O ato de tolerar implica de estabelecimento de limites, de princípios a serem respeitados. Por isso a tolerância não é *convivência* com o intolerável. Sob regime autoritário, em que a liberdade se exacerba ou sob regime licencioso, em que a liberdade se limita, dificilmente aprendemos a tolerância. (*Ibidem*, p.59).

A tolerância requer respeito, disciplina e ética.

A decisão, a segurança, a tensão entre paciência e impaciência e a alegria de viver também são qualidades a serem cultivadas pelos educadores progressistas, de acordo com Paulo Freire.

O autor inicia sua fala discorrendo a respeito da capacidade de decisão da educadora ou do educador, a qual é absolutamente necessária a seu trabalho formador. É por meio de suas decisões tomadas com habilidade que eles ensinarão seus educandos a decidir. Decidir é romper para optar, uma vez que, para o autor, “decisão é ruptura nem sempre fácil de ser vivida. Mas não é possível existir sem romper, por mais difícil que nos seja romper” (*Ibidem*, p.60).

Freire expõe ainda que uma das deficiências de uma educadora é a sua incapacidade de decidir. Os educandos entenderão como fraqueza moral ou como incompetência profissional tal característica.

O pedagogo ressalta que a indecisão revela falta de segurança, qualidade considerada por ele indispensável a quem tem responsabilidade de governo. A segurança que, por sua vez, requer competência científica, clareza política e integridade ética.

Freire continua explicitando as qualidades necessárias aos educadores progressistas, os quais devem ter sabedoria para viver a tensão entre a paciência e a impaciência.

O autor faz uma distinção entre as duas tensões, como sendo a paciência sozinha, e a impaciência, solitária. Segundo ele, “a *paciência* sozinha pode levar a educadora ou educador a posições de acomodação, de espontaneísmo,

com que nega seu sonho democrático. A *paciência* desacomodada pode conduzir ao imobilismo, à inação”. (*Ibidem*, p.62).

Dessa maneira, afirma que:

A impaciência, sozinha, por outro lado, pode levar a educadora ou educador ao ativismo cego, à ação por si mesma, à prática em que não se respeitam as necessárias relações entre tática e estratégia. A impaciência isolada tende a obstaculizar a consecução dos objetivos da prática, tomando-a “tenra”, “macia” e inoperante. Na impaciência insulada ameaçamos o êxito da prática que se perde na arrogância de quem se julga dono da história. A paciência só, se exaure no puro blá-blá-blá; a impaciência a sós, no ativismo irresponsável. (*Ibidem*, p.62).

Paciência e impaciência convivem juntas no dia a dia dos educadores, os quais devem saber administrá-las muito bem em todas as suas práticas.

A virtude fundamental da prática educativa democrática é a alegria de viver. Acreditando nessa virtude, Freire afirma que: “E é a minha alegria de viver, sem que esconda a existência de razões para tristeza na vida, que me prepara para estimular e lutar pela alegria da escola” (*Ibidem*, p.63). É em meio à humildade, à amorosidade, à coragem, à tolerância, à competência, à capacidade de decidir, à segurança, à eticidade, à tensão entre paciência e impaciência, à parcimônia verbal que o educador contribui para tornar a escola alegre e humana.

Da mesma forma, para Freire, a educação verdadeira é aquela que visa à humanização, ou seja, que busca na construção de uma vida social mais digna, livre e justa, partindo sempre da realidade do educando. Por isso, em sua obra “*Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*” (2000), sugere aos educadores e educadoras a construção de uma postura dialógica e dialética, não mecânica, de forma humilde, mas esperançosa, contribuindo para a transformação das realidades sociais, históricas e opressoras que desumanizam a todos (FREIRE, 2000, p.48).

Por isso, não só falo e defendo, mas vivo uma prática educativa radical, estimuladora da curiosidade crítica, á procura sempre as ou das razões de ser dos fatos. E compreendendo facilmente como tal prática não pode ser aceita, pelo contrário, tem de ser recusada, por quem tem na maior ou menor permanência do status quo, a defesa de seis interesses. (*Ibidem*, p.58).

Ainda sob essa visão crítica de educação e educadores (as), Freire nos enfatiza que os professores (as) devem ensinar os educandos a pensar criticamente. O educador que ensina criticamente estimula a superação do medo da aventura responsável, não pode ficar no gosto da repetição pela repetição, tem que deixar claro aos educandos que eles podem errar e que esse erro faz parte do seu processo de aprendizagem (*Ibidem*, p.100).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio desta pesquisa, concluiu-se que são vários os princípios norteadores pelos quais os educadores/professores devem ser guiados, se objetivam ser um “bom” profissional em sala de aula. Dentre esses pontos, podem-se destacar os seguintes: a rigorosidade metódica e a pesquisa, a ética e a estética, a competência profissional, o respeito pelos saberes do educando e o reconhecimento da identidade cultural, a rejeição de toda e qualquer forma de discriminação, a reflexão crítica da prática pedagógica, a corporeificação, o saber dialogar e escutar, o querer bem aos educandos, o ter alegria e esperança, o ter liberdade e autoridade, o ter curiosidade, o ter a consciência do inacabado.

Tais características são humanamente impossíveis de serem conciliadas em um mesmo educador, tendo em vista que muitos estão na sala de aula não por amor à educação e aos educandos, mas sim porque, como qualquer ser humano dessa nossa sociedade capitalista, precisa trabalhar para pagar suas contas no final do mês e prover sustendo de sua família.

A alegria e a esperança ainda se pode dizer que alguns educadores/professores conseguem explicitar na sua prática diária, pois acreditam que algum dia o sistema de ensino do país possa lhes proporcionar uma melhor condição de trabalho e melhores salários. Já o saber dialogar e escutar passa longe de tais práticas, em muitas salas de aulas, pois nelas o educador bancário, descrito por Paulo Freire, na obra “Pedagogia do Oprimido”, é quem “reina”.

Considerando as dificuldades encontradas pelos educadores/professores em sua prática educativa, o curso de Pedagogia busca preparar os discentes para atuar conscientemente na profissão escolhida, proporcionando-lhes

reflexões e discussões embasadas em teóricos que já contribuíram muito, com suas proposições, para mudar os as diretrizes do sistema de ensino e da Educação que temos no país.

A pedagogia apresentada por Paulo Freire nos leva a refletir sobre que tipo de educador/professor seremos em nossa prática educativa, também nos proporciona conhecer qualidades e características de um “bom” educador, as quais podemos tomar como exemplos e colocá-las em prática em nossa vida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho D’água, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.